

“LANÇAI A REDE” (Jo 21,6)

“Diocese de Santos, 100 anos de história e missão”

Carta Pastoral para o ano Centenário

Dom Tarcísio Scaramussa, SDB,
Bispo Diocesano de Santos



01/07/2023

CARTA PASTORAL PARA O ANO CENTENÁRIO

Dom Tarcísio Scaramussa, SDB, Bispo Diocesano de Santos

Cúria Diocesana de Santos

Av. Conselheiro Rodrigues Alves, 254 - Macuco -Santos -
SP (13) 3228-8888

www.diocesedesantos.com.br

[facebook/diocesedesantos](https://www.facebook.com/diocesedesantos)

Diagramação: Assessoria de Comunicação da Diocese de Santos



Dom Tarcísio Scaramussa, SDB
Bispo Diocesano de Santos

Prezados Padres, Diáconos, Religiosos/as, Consagrados/as, Cristãos Leigos e Leigas da Diocese de Santos.

Alegria e paz no Senhor!

“Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8).

E a Igreja? A Igreja é encarnação sempre atual de Jesus Cristo, e tem a missão de anunciá-lo para que os homens e mulheres de cada tempo o acolham como o salvador.

A Igreja de Santos, que inicia o ano jubileu de seu centenário de criação, faz parte desse mistério de salvação de Jesus Cristo. A celebração deste jubileu torna-se grande oportunidade de renovação, de crescimento no amor e sentido de pertença a esta Igreja particular, e de aprofundamento da fé e do ardor missionário neste tempo especial de graça.

O Santo Padre Pio XI criou a Diocese de Santos no dia 04 de julho de 1924, com território desmembrado da Arquidiocese de São Paulo, e das Dioceses de Taubaté e Botucatu, que abrangia, no início, toda a extensão do litoral que vai do Estado do Paraná até o Estado do Rio de Janeiro. De parte do território da Diocese de Santos foi criada, no ano de 1974, a Diocese de Registro, e no

ano de 1999 foi criada a Diocese de Caraguatatuba. Atualmente, o território da Diocese de Santos abrange 9 municípios da Baixada Santista: Peruíbe, Itanhaém, Mongaguá, Praia Grande, São Vicente, Santos, Cubatão, Guarujá, Bertioga, com uma população de cerca de 1.800.000 habitantes. A Diocese de Santos hoje está composta por 50 Paróquias, perfazendo um total de 271 Comunidades Eclesiais considerando as respectivas capelas, e 2 Reitorias.

Escolhemos como tema para o centenário: **“Diocese de Santos, 100 anos de história e missão”**. Queremos recordar a história da Diocese, não apenas com interesse de pesquisa e registro de acontecimentos, mas procurando contemplar a obra de Deus neste caminho de fé realizado por nossa Igreja. Agradecer a Deus por esta bela história, e aprender do testemunho dos irmãos e irmãs que realizaram a missão da Igreja neste tempo. Foi um tempo de grandes mudanças, que teve no acontecimento do Concílio Vaticano II um marco de renovação, reafirmado e consolidado com o 1º. Sínodo da Diocese de Santos, lançado em 1994 e tendo suas conclusões promulgadas no ano 2000. O tema deste Sínodo, “Buscar juntos renovar a Igreja”, já antecipava a reflexão tão atual da Igreja Sinodal!

Escolhemos como lema o mandato de Jesus **“Lançai a rede”** (Jo 21,6), que aponta para a grande convocação missionária do momento. Cristo nos envia e manda lançar as redes da evangelização para que alcance os homens e mulheres do nosso tempo, sedentos da vida e da salvação em Cristo.

Damos graças a Deus por sua bondade e por seu mistério de Salvação, que tem em sua Igreja um Sacramento, sinal e instrumento de sua graça, a serviço de seu Reino de justiça, de paz e de amor. E esta bonita história de salvação continua nos dias de hoje!

Diocese de Santos, 100 anos de história e missão



Quando a Diocese foi criada, em 1924, eram fortes as manifestações de ateísmo na sociedade. Intelectuais de peso da modernidade decretaram a “morte de Deus”, e viam a religião como superstição e instrumento de manipulação do povo. Também no interior das comunidades de fé percebia-se o avanço do processo de secularização, produzindo transformações na forma de vivência da fé, e crises nas práticas religiosas.

O Papa Pio XI (1922-1939), que criou a Diocese de Santos, apontou o declínio rápido da prática religiosa em dois setores importantes da sociedade: os intelectuais e os trabalhadores urbanos. Chegou a afirmar: “A Igreja perdeu a classe operária”.

Considerando a história da Diocese, podemos situá-la neste tempo com as características da Igreja antes e depois do Concílio Vaticano II (1965). Isso não significa que houve mudanças radicais após o Concílio, pois, na prática, sabemos que não há uma uniformidade no modo de viver a fé no povo de Deus, e que o desafio de implementação dos valores do Vaticano II continua nos dias atuais, pois as mudanças históricas acontecem gradativamente.

O período anterior ao Concílio foi muito rico de experiências inovadoras que já apontavam para mudanças importantes no modelo eclesiológico vigente desde os Concílios de Trento (1545-1563) e Vaticano I (1869-1870), onde prevalecia o modelo de Igreja hierarquia e era marcado pela reafirmação da fé católica, em contraposição com o protestantismo, o galicanismo, o racionalismo, o materialismo, o ateísmo. Neste período, que

alguns chamam de “era do apostolado”, a atenção prioritária era dada à formação dos fiéis. Florescem as Irmandades, as associações como Apostolado da Oração, Congregados Marianos, Obra das Vocações, Filhas de Maria. Paralelamente, e com ênfase cada vez mais crescente, desenvolve-se o que foi chamado de “era da ação social”, com destaque para os Círculos Operários, os Educandários, as creches e a ação dos Vicentinos, entre outros. Deram grande impulso à ação educativa e social da Igreja de Santos algumas congregações religiosas presentes neste período, como as Filhas de Maria Imaculada, as Oblatas do Santíssimo Redentor, os Camilianos, as Cônegas de Santo Agostinho, as Irmãs de São José de Chanbéry, os Maristas, as Irmãs do Imaculado Coração de Maria, as Irmãzinhas da Imaculada Conceição, as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.

Nas proximidades da metade do século, alguns movimentos indicavam o nascimento de uma nova primavera eclesial que desabrochou no Vaticano II. Entre estes, se destacam o movimento teológico-bíblico; o movimento litúrgico que valorizou a participação, a experiência existencial, a dimensão comunitária; o movimento eclesial com acentuação na eclesiologia do povo de Deus; o movimento dos leigos que na Ação Católica despertou seu protagonismo; o movimento ecumênico e o do diálogo inter-religioso e com os não-crentes, abrindo a Igreja católica para as diferentes expressões de vivência religiosa e humanista; o movimento de teologia moral dialogando com os problemas da modernidade; o movimento missionário, que incentivou a inculturação; o movimento social que colocou a Igreja em diálogo com o mundo moderno.

Na Diocese de Santos, três Bispos viveram no período anterior ao Concílio. Em sua atuação, com a colaboração estreita do clero, reconhecemos também como a Diocese de Santos respirou o clima desses movimentos renovadores, especialmente na atenção especial à formação do laicato e ao compromisso social.

Quando o primeiro Bispo, Dom José Maria Parreira Lara (1925-1934), assumiu a Diocese, esta possuía 18 paróquias (6 no atual território de Santos, 8 no atual território de Registro, e 4 no atual território de Caraguatatuba). Juntamente com a criação de novas paróquias, Dom José Maria deu impulso ao apostolado dos leigos e à assistência social, que teve representação significativa a Associação “A Casa do Senhor”, para atendimento de crianças e adolescentes carentes.

O segundo Bispo, Dom Paulo de Tarso Campos (1935-1941), dinamizou a vivência religiosa, com ênfase na centralidade da Eucaristia, que teve no Congresso Eucarístico Diocesano um ponto alto. Deu novo impulso ao apostolado dos leigos com a criação da instituição social “ALA (Assistência ao Litoral de Anchieta), que formava jovens para atuarem na melhoria do nível de vida das comunidades ribeirinhas do litoral. Nesse tempo foi intenso o esforço para adequar-se às novas diretrizes de Pio XI sobre a Ação Católica.

O terceiro Bispo, Dom Idílio José Soares (1943-1966), em seus 23 anos de episcopado, realizou importante trabalho evangelizador fundado na verdade da fé, oferecendo em seus escritos e cartas pastorais reflexões bem elaboradas e profundas, e testemunhando em sua simplicidade acolhedora grande amor pelos pobres. Incrementou ainda mais a ação de promoção educativo e cultural com a fundação da Sociedade Visconde de São Leopoldo (SVSL), mantenedora da Unisantos e do Liceu Santista, a manutenção da ALA, e a fundação de várias obras assistenciais e educacionais, além de criar o Seminário Diocesano São José.

Durante e após o Concílio, a Diocese vivenciou intensamente o clima renovador da Igreja impulsionado pelo Espírito. O quarto Bispo, Dom David Picão (1966-2000), foi o grande impulsionador das reformas conciliares, buscando, com várias Instruções Pastorais, colocar a Diocese em dia com a nova realidade eclesial. Com sua atuação na CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e também no CELAM (Conselho Episcopal Latino-

americano), colocava a Diocese na dinâmica de uma pastoral orgânica (“era da pastoral de conjunto”), buscando implementar o Concílio na realidade latino-americana. Com Dom David foram realizados os dois primeiros Planos Diocesanos de Pastoral e lançado o primeiro Sínodo Diocesano, em 1994. Foram também ordenados os primeiros Diáconos Permanentes. A construção do CEFAS – Centro de Formação para o Apostolado de Santos (1974) foi um grande marco do investimento na formação de um laicato forte e ativo na sociedade e na Igreja. Neste período de Dom David foram criadas muitas paróquias, e o território da Diocese foi desmembrado, dando origem a duas novas Dioceses. Em 1974, o Papa Paulo VI, criou a Diocese de Registro (Litoral Sul), com a bula *Quotiescumque novam*. Em 1999, o Papa João Paulo II criou a Diocese de Caraguatatuba (Litoral Norte), com a bula *Ad Aptius Consulendum*.

Coube ao quinto Bispo, Dom Jacyr Francisco Braido – CS (2000-2015), dar sequência à dinâmica e estruturação impulsionada pelo Sínodo. Com o fortalecimento desta caminhada, no ano de 2009 foram promulgadas as “Diretrizes da Ação Evangelizadora e Pastoral na Diocese de Santos”, definindo as prioridades pastorais, reorganizando as estruturas pastorais diocesanas em suas diversas comissões e pastorais, atualizando o Diretório dos Sacramentos. Em sequência, foi traçado o Plano de Pastoral para o biênio 2011-2012. Em 02 de maio de 2002, foi criada a Associação de Promoção e Assistência Social Estrela do Mar (APASEM), com o objetivo de apoiar as iniciativas sociais das Paróquias da Diocese de Santos, na capitalização de recursos para projetos da igreja.

Neste período como sexto Bispo da Diocese de Santos (a partir de 2015), criamos a Equipe de Assessoria Pastoral, para reflexão, formação, elaboração de subsídios e assessoria do processo de planejamento. Assim, retomamos a elaboração, a cada quatro anos, dos Planos Diocesanos de Evangelização, em consonância com as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE). Procuramos implementar a Iniciação à Vida

Cristã com inspiração catecumenal, processo indispensável para a renovação da catequese. Como marco amadurecido do compromisso social sempre presente na Igreja de Santos, foi criado o Vicariato para a Dimensão Social da Evangelização, com o objetivo de animar, acompanhar e articular todas as ações sociais da Diocese. Com o impulso do profetismo do Papa Francisco, estão sendo implementadas, com a atuação protagonista dos leigos, iniciativas inovadoras como o Pacto pela Vida, a Economia de Francisco, o Pacto pela Educação, para responder melhor aos principais desafios da realidade atual, e tornar a presença da Igreja mais efetiva na sociedade.

Por uma Igreja Missionária e sinodal

O processo de secularização já percebido no momento de criação da Diocese aprofundou-se também no Brasil. A época de cristandade, na qual a maioria da população se intitulava católica, dá lugar a grande pluralismo de mentalidades. Novas formas de ateísmo se afirmam, e a fé não é mais transmitida naturalmente na família.

Quando instituiu o Ano da Fé, em 2012-2013, com o Motu Proprio “A Porta da Fé”, o Papa Bento XVI lembrava a necessidade de “intensificar-se a reflexão sobre a fé, para ajudar todos os crentes em Cristo a tornarem mais consciente e revigorarem a sua adesão ao Evangelho, sobretudo num momento de profunda mudança como este que a humanidade está vivendo”. Às vésperas de sua eleição como Pontífice, havia dito na homilia: “Quantos ventos de doutrina conhecemos nestas últimas décadas, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento. A pequena barca do pensamento de muitos cristãos, com frequência, fica agitada pelas ondas, levadas de um extremo a outro: do marxismo ao liberalismo, até o libertinismo; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo. Enquanto que o relativismo, ou seja, o deixar-se levar ‘guiados por qualquer vento de doutrina’, parece ser a única atitude que está na moda. Vai-se

construindo uma ‘ditadura do relativismo’, que não reconhece nada como definitivo e que só deixa como última medida o próprio eu e suas vontades”.

Na introdução ao documento de Aparecida, os Bispos da Conferência lembraram outras afirmações de Bento XVI: Nossa maior ameaça “é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez”. É preciso, portanto, recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (Cf. DAp n.12).

Com o Papa Francisco, e com o seu programa de pontificado expresso na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), a Igreja vem aprimorando a forma de responder a esses grandes desafios, buscando novamente no Concílio Vaticano II, a fonte inspiradora do novo jeito de ser Igreja (Sinodal, Missionária e Samaritana).

Nesta linha está a proposta do Dicastério para a Evangelização para a preparação do Ano Santo de 2025: “Preparar-se para o Jubileu de 2025, retomando em mãos os textos fundamentais do Concílio Ecumênico Vaticano II como um momento de crescimento na fé”. “Retomar esses textos em nossas mãos é um sinal da vivacidade e da fecundidade da Igreja; a renovação das comunidades e o compromisso de conversão pastoral passam necessariamente por fazer nossa a lição do Concílio Vaticano II”, ressalta o Papa Francisco.

Conversão pastoral passou a ser uma chave fundamental do novo empenho da Igreja, indicando a necessidade de passar de uma pastoral centrada na conservação, para uma pastoral decididamente missionária.

A Congregação para o Clero publicou recentemente (2022) a Instrução “Conversão da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja” como um guia prático para

caminhar nessa direção. Ressalta a urgência da conversão pastoral da paróquia, para que esteja centrada na missão, e envolva todos os batizados para que sejam criativos no dinamismo da Igreja “em saída”, e para que as comunidades sejam “centros propulsores do encontro com Cristo” e de iniciação à vida cristã.

Constatamos com alegria que confirma os fundamentos e as pistas concretas das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e do nosso Plano Diocesano de Evangelização. Considera, em sua reflexão, o contexto da globalização, do mundo digital e das novas tecnologias, que incide no espaço existencial das pessoas, mudando o laço específico entre as mesmas, para além do espaço geográfico. Neste contexto, ressalta o sentido de comunidade missionária expresso na vivência da paróquia como uma família, “casa em meio às casas”. Numa realidade plural, marcada pela desigualdade e fragmentação, a comunidade paroquial é chamada a desenvolver a “cultura do encontro”, promovendo o diálogo, a solidariedade e a abertura a todos, uma verdadeira “arte da proximidade”. Os pobres ocupam um lugar primordial nesta missão, porque são evangelizados pela Igreja, mas também porque a evangelizam. Como sujeitos nesta missão, todo batizado deve ser um “protagonista ativo da missão evangelizadora”, com seus carismas específicos, como povo de Deus “ungido com a graça do Espírito Santo”. Tudo isso exige “mudança de mentalidade e renovação interior”.

Para responder a esta realidade, a Instrução indica as exigências de renovação missionária das estruturas paroquiais e a necessidade de investir no dinamismo espiritual com base “no anúncio da Palavra de Deus, na vida sacramental e no testemunho da caridade”.

Nos últimos cinco capítulos a Instrução apresenta caminhos concretos para a realização da transformação da paróquia, nos aspectos das estruturas paroquiais e das responsabilidades das pessoas.

A paróquia, continuando a missão de Jesus Cristo, é também espaço de chamado, de convocação, de iniciação e formação de

discípulos. No seio da comunidade vão sendo gerados os missionários que, de acordo com os dons distribuídos pelo Espírito Santo, vão assumindo os ministérios através dos quais a Igreja realiza sua missão no mundo.

Uma comunidade paroquial que não gera novos discípulos e missionários é como a figueira estéril amaldiçoada por Jesus (cf. Mt 21,18-22). Os profetas costumavam comparar o povo infiel com uma árvore que não produz frutos. Da mesma forma Jesus denuncia a infidelidade e incredulidade do povo de Israel, especialmente o desprezo de Jerusalém, dos chefes dos sacerdotes e mestres da lei. A fé é a base da vida da comunidade. A parábola da videira e dos ramos é muito inspiradora neste sentido! Uma comunidade que vive a fé produz muitos frutos, gera muitas vocações, desperta e anima vários ministérios e pastorais.

Muitas pessoas frequentam a paróquia para receberem atendimentos e serviços que possam satisfazer às suas necessidades pessoais. Nessa condição, dificilmente se manifestam disponíveis para assumir algum compromisso a mais na missão da comunidade. A experiência da fé da comunidade deverá contribuir para o encontro pessoal com o Cristo a ponto de provocar nas pessoas a pergunta pela missão: “Senhor, o que queres que eu faça”? O testemunho alegre de irmãos e irmãs dedicados na missão será também estímulo para despertar novas vocações!

Tudo isto revela a dimensão vocacional da vida da Igreja e de toda a pastoral paroquial. À medida em que cresce a consciência da missão, a paróquia vai também suscitando novos ministérios e organizando grupos e pastorais comprometidos com as várias necessidades da missão.

É necessário realizar as mudanças necessárias para garantir a “proximidade” entre as pessoas como uma verdadeira “arte” e “fator chave” da comunidade. Esta proximidade deve ser facilitada também pela atuação das pessoas responsáveis, chamadas a exercer seu ministério com sentido de gratuidade, e pelo adequado funcionamento dos organismos de corresponsabilidade eclesial.

De fato, a Instrução ressalta que a “comunidade paroquial é chamada a ser sinal vivo da proximidade de Cristo através de uma rede de relações fraternas, projetadas pelas novas formas de pobreza”, acolhendo “o convite do Espírito para realizar processos de rejuvenescimento do rosto da Igreja”.

Proximidade e unidade, com o foco na ação missionária da Igreja, são critérios que devem orientar também a criação de novas paróquias, ou as novas formas de organização paroquial. Esses mesmos critérios são referência para a atuação do pároco, do vigário paroquial, do diácono, dos consagrados e dos leigos no exercício do ministério. Numa Igreja toda ministerial, novos ministérios devem ser criados, de acordo com as necessidades. Na mesma linha deve orientar-se a atuação dos organismos paroquiais, como o Conselho de Pastoral Paroquial (CPP), o Conselho de Assuntos Econômicos (CAE), as estruturas pastorais das regiões, para que sejam expressão da espiritualidade da Igreja como corpo de Cristo. Finalmente, há também uma proposição prática a respeito da gratuidade dos sacramentos, convocando os fiéis a contribuírem espontaneamente para a sustentação econômica da missão da Igreja.

Temos, portanto, este instrumento que serve de guia para que formemos comunidades eclesiais missionárias (CEM) que, como família num mundo em profundas mudanças, buscam superar o individualismo, com a prática da vida comunitária; buscam superar as divisões com o diálogo, a união e a colaboração entre seus membros; procuram ser acolhedoras para com todos, especialmente com os pobres; vão ao encontro de quem anda afastado ou nunca veio (cf. PDE, p.4).

A proximidade do Sínodo acrescenta novas luzes ao ressaltar que a Igreja evangeliza pelo testemunho de sua vida e por suas ações. Ao destacar a necessidade de ser Igreja Sinodal, com comunhão, participação e missão, o Sínodo veio em boa hora para reforçar o caminho que estamos fazendo na celebração do centenário.

De fato, Igreja significa assembleia, povo que forma comunidade e caminha junto. A natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário se manifesta justamente neste “caminhar juntos”. É o desejo ardente de Cristo que na oração da última ceia pediu ao Pai: “Que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21). Nós somos Igreja verdadeira na medida em que vivemos isto. Não basta a afirmação doutrinária, pois esta precisa ser afirmada pela prática.

Mais uma vez precisamos recordar o que fazia com que as primeiras comunidades fossem realmente atraentes e encantassem as pessoas:

*“Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42),
“louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que eram salvas.”*

(At 2,47)

Os pilares que sustentavam a vida dos primeiros cristãos são reafirmados no caminho sinodal com as propostas das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, assumidas no Plano Diocesano de Evangelização: palavra, pão, caridade, ação missionária. Isso significa que o trabalho realizado para colocar em ação o Plano é caminho seguro para crescer na direção de uma Igreja Sinodal, para que seja autêntica Igreja de Jesus Cristo e sinal e testemunho de Sua presença e ação salvadora no mundo.

Nada acontece por acaso! Por isso, nós que acreditamos que o Espírito Santo continua conduzindo a Igreja, buscamos discernir bem os sinais dos tempos e participar da missão salvadora de Deus nos dias atuais vivendo na comunhão da Igreja.

Espiritualidade missionária do centenário: evangelizadores com espírito!

São Paulo VI nos deixou na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975) esta profunda reflexão sobre a importância primordial do testemunho da vida: “E esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os veem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco? Pois bem: um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização. ... E outras perguntas surgirão, depois, mais profundas e mais de molde a ditar um compromisso, provocadas pelo testemunho aludido, que comporta presença, participação e solidariedade e que é um elemento essencial, geralmente o primeiro de todos, na evangelização. Todos os cristãos são chamados a dar este testemunho e podem ser, sob este aspecto, verdadeiros evangelizadores” (EN, n. 21).

Na Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, o Papa Francisco insiste que a Igreja precisa de “Evangelizadores com Espírito”! “Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo”. A evangelização não se faz apenas com palavras, por isso,

são necessários evangelizadores que transfigurem em suas vidas a presença de Deus.

A experiência do encontro com o Senhor qualifica o evangelizador: "evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham", continua o papa! Um encontro que significa estar unido ao Senhor, para produzir frutos: "não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração".

As motivações autênticas para a ação evangelizadora brotam do encontro com o amor de Jesus, da experiência de ser salvos por Ele. Esta convicção sustenta e anima o evangelizador. "Uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, enamorada, não convence ninguém". É preciso colocar Cristo no centro de nossa vida, e ter na Eucaristia a fonte e o cume de nosso caminho de santidade e de missão nos dias de hoje.

A falta de elã evangelizador é sinal de aridez espiritual pessoal e comunitária, de afastamento da fonte da vitalidade apostólica, que é o encontro com o Senhor. O papa sugere que, "se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos nos deter em oração para pedir que volte a cativar-nos".

Esse é também o objetivo dos círculos bíblicos que propomos neste processo da caminhada eclesial, da escuta cotidiana da Palavra de Deus, da oração diária da Liturgia das Horas, da récita do terço, das peregrinações, da peregrinação da imagem da Padroeira de nossa Diocese, Nossa Senhora do Rosário, das Horas Santas Eucarísticas, das novenas, dos retiros espirituais, dos momentos formativos. Enfim, é preciso que todos caminhemos! Somente assim seremos uma Igreja missionária, e não apenas uma Igreja que tem alguns missionários.

Não haverá conversão pastoral sem conversão pessoal que qualifica o evangelizador com espírito. Por isso, a celebração do centenário deve ser também um tempo de purificação, de

crescimento na santidade de vida. Por isso, ajuda também a proposta das indulgências, que resultam de um caminho de conversão, na oração e na proclamação da fé.

A missão deve ser assumida como parte de minha vida pessoal, não como um apêndice ou momentos pastorais. “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo”, lembra o papa. O missionário é alguém que tem consciência de ser enviado pelo Pai e de procurar o que Jesus procura, ou seja, a glória do Pai. E “a glória do meu Pai consiste em que deis muito fruto” (Jo 15,8), nos diz Jesus!

Somente a partir desse encontro com o Senhor poderemos vivenciar a espiritualidade missionária do centenário acolhendo seu mandato expresso no lema “Lançai a Rede” (Jo 21,6).

A rede jogada ao mar é símbolo da missão:

“O Reino dos Céus é ainda como uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de todo tipo. Quando está cheia, os pescadores puxam a rede para a praia e sentam-se para recolher em cestos os peixes bons e jogar fora os ruins” (Mt 13,47-48).

A citação escolhida como lema do centenário é do último capítulo do Evangelho segundo João: “Lançai a rede” (Jo 21,6). Diferentemente dos evangelistas sinóticos, o mandato de Jesus no Evangelho de João acontece após sua ressurreição, e tem todas as características para indicar que reflete a consciência das primeiras comunidades que entendem o mandato de Jesus dirigido à Igreja como continuadora da missão dos apóstolos.

Isto nos leva a concluir que, enquanto nos Evangelhos Sinóticos se destaca o chamado pessoal dos discípulos, agora a Igreja entende que o mandato de Jesus é eclesial. Podemos aplicá-lo à realidade da Igreja em missão em todos os tempos. De fato, o texto mostra interesse pela comunidade, pela sua missão e pela autoridade dentro da comunidade.

Assim, a rede repleta de peixes, representa a Igreja Apostólica, pescadora de homens. Nas redes da Igreja cabem todos, e os vários tipos de peixes representam sua missão

universal. Sua unidade é representada na rede que não se rompe, sob o comando de Pedro a quem Cristo confia o pastoreio das suas ovelhas, após sua tríplice afirmação de amor e fidelidade. Se nos sinóticos Simão Pedro deverá tornar-se pescador de homens, aqui ele é confirmado como “pedra”, fundamento da Igreja. Finalmente, o relato ressalta a presença de Cristo: sua presença é garantia de êxito na missão, e sua proximidade se manifesta na Eucaristia, fonte da comunhão no corpo do Senhor.

Este lema inspirador do centenário da Diocese esteja bem presente em nossa memória, para que se concretize na história dos dias atuais a missão que Cristo confiou à sua Igreja. E Jesus continua conosco, guiando-nos pelo Divino Espírito Santo, e levando-nos à santidade.

E na história da Diocese temos inúmeros sinais de santidade reconhecida. Recordemos o grande catequista São José de Anchieta que passou pelas terras de nossa Diocese nos primórdios da evangelização no Brasil. Recordemos o Padre André de Soveral, nascido em São Vicente, canonizado em 2017. Ele foi batizado na Paróquia São Vicente Mártir e morreu no massacre de Cunhaú (Canguaretama-RN), em 1645. Foi na Catedral de Santos que, na década de 90, uma senhora, participando de um grupo de idosas com as irmãs Canossianas, invocou com fé a ajuda de Josefina Bakhita para que viesse em socorro de suas feridas nas pernas. Para a maior glória de Deus, os médicos não souberam explicar a mudança no seu quadro e o milagre foi reconhecido pelo Vaticano fazendo com que Santa Josefina Bakhita chegasse à glória dos altares, em 2000. Foi também em um hospital de Santos que ocorreu o milagre atribuído a Madre Teresa de Calcutá, fazendo com que também ela pudesse ser canonizada em 2016. E como não lembrar a presença constante da Virgem Maria em nossa vida e história, dando origem a várias devoções, como a de Nossa Senhora do Monte Serrat, padroeira da cidade de Santos à qual se atribui um milagre ocorrido em 1614 salvando a população santista da invasão dos holandeses, e de tantas outras devoções que

consagraram santos significativos como padroeiros de nossas comunidades.

“Lançai a Rede”! Os peixes a pescar!

Na Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, o Papa Francisco lembra a prioridade absoluta da evangelização: “Depois de considerar alguns desafios da realidade atual, quero agora recordar o dever que incumbe sobre nós em toda e qualquer época e lugar, porque ‘não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor’ e sem existir uma ‘primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização’”. Recolhendo as preocupações dos Bispos asiáticos, São João Paulo II afirmou que, se a Igreja “deve realizar o seu destino providencial, então uma evangelização entendida como o jubiloso, paciente e progressivo anúncio da Morte salvífica e da Ressurreição de Jesus Cristo há de ser a vossa prioridade absoluta”. Isto é válido para todos” (Cf. EG, n. 110).

O anúncio de Jesus Cristo torna-se fecundo numa Igreja em estado permanente de missão, como casa de iniciação à vida cristã, como lugar de animação bíblica da vida e da pastoral, como comunidade eclesial missionária, a serviço da vida plena para todos.

A Igreja deve realizar o discernimento comunitário constante, buscando, à luz da fé, guiar-se pelo Espírito Santo, para entender e realizar o que Ele indica para o caminho da Evangelização neste momento. Como proclamamos na Oração Eucarística VI-B: “Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo o lugar, Senhor, Pai santo, criador do mundo e fonte da vida. Nunca abandonais a obra da vossa sabedoria, agindo sempre no meio de nós. Com vosso braço poderoso, guiastes pelo deserto o vosso povo de Israel. Hoje, com a luz e a força do Espírito Santo, acompanhais sempre a vossa Igreja, peregrina neste mundo; e por Jesus Cristo, vosso Filho, a acompanhais pelos caminhos da história até a felicidade perfeita

em vosso reino”.

Instrumento indispensável para este processo de saída é o discernimento pastoral, que não consiste apenas em identificar as urgências missionárias e escolher os meios mais adequados para responder às necessidades da evangelização, e não se reduz a um planejamento técnico, mas deve ter como referência o Querigma, o conteúdo da missão, que é testemunhado com a vida de fé da comunidade. Significa desenvolver um processo de “crescimento integral de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta” (Cf. EG 163 a 168).

O discernimento no Espírito leva à ação, que o Papa chama de compromisso com o Reino. E lembra o que dizia Paulo VI: “a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens”.

Nosso processo de discernimento encontra nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023), luzes apontadas pelo Espírito. Entusiasma-nos perceber nos quatro pilares indicados, Palavra, Pão, Caridade, Ação Missionária a concretização de um caminho.

O caminho aberto pelo Sínodo Diocesano que desembocou nas Diretrizes das Ação Evangelizadora e Pastoral na Diocese de Santos (2009), indicou **três grandes prioridades pastorais** para a ação interna da Igreja: catequese, família e juventude. Ao mesmo tempo, destacou **cinco polos de atenção**: porto, turismo, idosos, universidades, superação da miséria e da fome. Os Planos Diocesanos de Evangelização sucessivos apresentaram projetos para concretizar ações nessa direção. Podemos dizer que esses são os peixes a pescar, e que devemos lançar a rede com atenção especial sobre esta realidade.

Lançar a rede sobre as três grandes prioridades pastorais:

a) A rede de uma **catequese** com inspiração catecumenal continua sendo lançada, para responder a uma realidade que não é mais de cristandade, e que não pode ser alcançada com a antiga forma de catequese que funcionou durante muito tempo na Igreja. Avançamos muito lentamente nesta direção. De fato, trata-se de “pensar e construir um novo paradigma pastoral”. Podemos aplicar aqui o que Jesus diz no Evangelho: “vinho novo em odres novos”. Somente com mudança de mentalidade e de coração, que se expressam em conversão pessoal e pastoral, podemos “avançar para águas mais profundas”. Esta iniciação não pode ser realizada apenas pelo que se costuma chamar de setor da catequese, mas deve envolver todas as pastorais e a vida da comunidade eclesial missionária, numa Igreja toda ministerial, que caminha de forma sinodal. Essa é a nova estrutura pastoral que sustenta a iniciação à vida cristã. Devemos ter em vista o amplo campo da missão, com três âmbitos tão bem explicitados pelo Papa Francisco na “Alegria do Evangelho” (n. 14): o âmbito da pastoral ordinária, “animada pelo fogo do Espírito a fim de incendiar os corações dos fiéis que frequentam regularmente a comunidade, reunindo-se no dia do Senhor, para se alimentarem da sua Palavra e do Pão de vida eterna”; o âmbito das “pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé”; o âmbito da “proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram”. Este caminho forma discípulos missionários, numa Igreja toda ministerial, onde florescem as vocações: ordenados, vida consagrada, família, laicato. “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da messe, que envie trabalhadores para a sua messe” (Mt 9,38)! Para este caminho temos um bom guia no documento 107 da CNBB, “Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários” (2017).

b) Sobre a **Família** tem sido lançada a rede da pastoral familiar, dos movimentos voltados para a família, e do Tribunal Eclesiástico para acolher situações específicas de cura e resgate. Há 50 anos, a experiência da Semana da Família, aqui iniciada, foi assumida nacionalmente pela CNBB. Se tomarmos como critério, no entanto, a Exortação Apostólica “A Alegria do Amor”, do Papa Francisco, podemos perceber que há um grande caminho a percorrer na direção da família, com o ardor e entranhas de misericórdia de Cristo, Bom Pastor! De fato, o Papa lembra que, “muitas vezes, o trabalho da Igreja é semelhante ao de um hospital de campanha” (n. 291). Para este aprofundamento, oferece neste documento algumas perspectivas pastorais e critérios para a realização da mesma, como “Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”. É preciso navegar para águas mais profundas para que a rede a Igreja possa realmente alcançar as famílias. Isso significa, como indica o Papa, “anunciar hoje o Evangelho da família; guiar os noivos no caminho de preparação para o matrimônio; acompanhamento nos primeiros anos da vida matrimonial; iluminar crises, angústias e dificuldades; atenção para o momento da morte de um ente querido; reforçar o aspecto crucial da educação dos filhos; aprofundar a reflexão sobre a espiritualidade conjugal e familiar (Cf. AL, Cap. VI ao VIII).

c) E como tem sido lançada a rede sobre a **Juventude**? Podemos afirmar que nossa Igreja ama e acolhe os jovens com carinho de mãe? A opção pela juventude continua urgente! As estatísticas falam que dos 63% dos jovens que se declaram católicos, apenas 10% são católicos praticantes. Há mais de 40 anos, a Igreja na América Latina e Caribe declarou em documento da Conferência Episcopal Latino-americana, em Puebla (México), a opção preferencial pela juventude. Esta opção foi reafirmada na Conferência de Santo Domingo (1992), e de Aparecida (2007), a qual acrescentou que deve ser renovada “de maneira eficaz e

realista” (Dap 446a). De modo ainda mais veemente, os bispos do Brasil tem insistido que esta opção deve ser feita de forma afetiva e efetiva por toda a Igreja, e que é urgente renová-la na busca conjunta de propostas concretas. As Diretrizes da CNBB ressaltam que “a juventude merece atenção especial. Uma Igreja sem jovens é uma Igreja sem presente e sem futuro” (cf. DGAE, n. 76). Tanta insistência, e sempre mais enfáticas, revelam que esta opção ainda não se concretizou suficientemente. Os motivos não são somente descrença e indiferença, mas também falta de competência e capacidade de comunicação com linguagens que nem todos entendem sem uma adequada atualização (cf. Dap n. 100d). O Sínodo sobre os jovens, e a Exortação Apostólica *Christus vivit* (2019), do Papa Francisco, abriram novos caminhos para a Igreja em sua “saída” em direção aos jovens. No centro da Exortação destaca-se a mensagem fundamental, o que realmente tem força para cativar o coração dos jovens, o que responde, de fato, às suas buscas e anseios mais profundos: a iluminação da Palavra de Deus; o contato direto com Jesus Cristo, a “verdadeira fonte que mantém vivos os nossos sonhos, projetos e grandes ideais, lançando-nos no anúncio da vida que vale a pena viver” (CV, n. 32); o reconhecimento de que, no olhar de Deus Pai, a vida do jovem concreto é “terra santa”, realidade cheia de possibilidades, “capaz de valorizar e nutrir os germes de bem semeados no coração dos jovens” (CV, n. 67); o anúncio de que Deus é amor, que Cristo está vivo e salva, querigma sempre atual, pois “se Ele vive, isso é uma garantia de que o bem pode triunfar na nossa vida”... pois “com Ele é possível sempre olhar em frente” (CV, n. 127); o fortalecimento das raízes que sustentam a vida com convicções que impedem ser manipulados por ideologias e por “uma espiritualidade sem Deus, uma afetividade sem comunidade nem compromisso com os que sofrem, o afastamento dos pobres, e uma série de ofertas que pretendem fazer-vos acreditar num futuro paradisíaco que sempre será adiado para mais tarde” (CV, n. 184); o discernimento da própria vocação como descoberta “de si mesmo à luz de Deus, fazendo florescer o próprio ser” (CV, n.

257). O documento destaca que estamos crescendo em dois aspetos: a consciência de que é toda a comunidade que evangeliza os jovens e a urgência de que os jovens sejam mais protagonistas nas propostas pastorais” (Cf. CV, n. 202). Esta direção do protagonismo é uma pista central, e o Papa ressalta que “os próprios jovens são agentes da pastoral juvenil, acompanhados e orientados, mas livres para encontrar caminhos sempre novos, com criatividade e ousadia”... Trata-se, antes, de colocar em campo a sagacidade, o engenho e o conhecimento que os próprios jovens têm da sensibilidade, linguagem e problemáticas dos outros jovens” (CV, n. 203). A pastoral juvenil deve guiar-se por estas duas grandes linhas de ação: a busca e o crescimento (cf. CV, nn. 202-247).

Lançar as redes sobre os cinco polos de atenção:

A dimensão social da evangelização que sempre foi muito acentuada em toda a história da Diocese de Santos, tem sido sempre mais ressaltada como sinal autêntico de uma Igreja em saída. O Vicariato para a dimensão social da evangelização e as pastorais sociais tem sido instrumentos para lançar as redes da caridade sobre as realidades que exigem maior atenção de nosso cuidado pastoral, que nós definimos como: Porto, Turismo, Idosos, Universidades, Superação da miséria e da fome.

a) A necessidade de lançar a rede para buscar a **superação da miséria e da fome** é inadiável. Apesar da grande riqueza e dos muitos recursos que a realidade econômica da Baixada Santista apresenta, os últimos Dados da Secad (Secretaria Nacional do Cadastro Único) indicam que 103.603 famílias estão na pobreza ou na extrema pobreza na Região. Considerando a última média nacional de composição familiar do IBGE, de 3,07 pessoas por família, a estimativa é de que 318.061 pessoas sobrevivam na pobreza ou na extrema pobreza. O número corresponde a 16,76% da população da Baixada Santista. A esta realidade devemos associar as problemáticas socioambientais relacionadas ao

desmatamento ilegal, à urbanização em áreas sujeitas às enchentes, aos movimentos de massas nas encostas e erosão costeira, a expansão urbana irregular em áreas de preservação ambiental e problemas relacionados aos resíduos sólidos e de poluição. A rede do Vicariato para a dimensão social da evangelização é lançada para a promoção e articulação da ação social e política nas várias instâncias da vida e da organização pastoral da Diocese, através da Caritas, da APASEM (Associação de Promoção e Ação Social Estrela do Mar), das Pastorais Sociais (Criança, Menor, Pessoa Idosa, Cidadania, Indigenista, Carcerária, Sobriedade, Moradores de Rua, Pescadores, Mulher Marginalizada, AIDS, Migrantes, Marítimos). A essa ação vem se somar as atividades de pastoral social de outras instituições, como as Associações Vicentinas, as Comunidades Terapêuticas, as Novas Comunidades que trabalham com moradores de rua e na recuperação de dependentes químicos, as Obras Sociais e Creches de Paróquias e Comunidades Religiosas, a VIP (Escola Profissionalizante Ir. Maria Dolores. A sensibilidade das comunidades cristãs com os famintos leva a constantes partilhas de alimento, de cestas básicas e outros gestos de solidariedade. Como Igreja, somos chamados a realizar outros tipos de ação, mais ampla, para promover políticas públicas com amplo sentido social. O magistério da Igreja, desde o Papa Pio XI, tem ressaltado que “A política é a mais alta forma de caridade”. De fato, a fome não é consequência da quantidade de pessoas na face da terra, mas da desigualdade social e do desperdício de alimentos e somente uma ação mais estrutural pode ser mais eficaz para atingir a raiz dos problemas. Nessa direção estão também as ações desenvolvidas pelo Pacto pela Vida, pela Economia de Francisco e Clara, e da pastoral da ecologia inspirada na Encíclica Laudato Si do Papa Francisco.

b) A rede sobre a realidade do **porto** se estende sobre grupos de pessoas envolvidas neste polo. Temos alcançado bons frutos através da Obra do Apostolado do Mar – Stella Maris, missão da

Igreja Católica que vai ao encontro da comunidade marítima, dos pescadores e suas famílias. Na Diocese de Santos a Obra do Apostolado do Mar, Stella Maris, dirigida pelos scalabrinianos (carlistas) busca responder aos desafios atuais do principal porto da América Latina, com visitas diárias aos navios e atendendo, através da Paróquia Pessoal do Apostolado do Mar, os marítimos, os pescadores, os estivadores. A Pastoral dos Caminhoneiros tem realizado algumas iniciativas que alcançam esta categoria, na linha de celebrações e atendimentos religiosos, como também de acolhida e integração nas comunidades da região. Muitas outras realidades em torno do porto precisam ser alcançadas pela rede da missão da Igreja, entre as quais se destacam as relativas à prostituição, à exploração sexual das crianças e adolescentes, ao tráfico de drogas, à imigração clandestina quase invisível e sobre a qual não há dados oficiais.

c) Constatamos, com pesar, que pouco temos feito para lançar a rede sobre a realidade do **turismo** em nossa Diocese. A diocese recebe grande número de turistas todos os anos, em número maior no período de verão e em feriados prolongados. Mas também semanalmente, com turistas que passam aqui o final de semana, ou que tem outra residência em alguma cidade da Baixada Santista. A Diocese possui um grande potencial para o chamado Turismo Religioso. O Plano Diocesano de Evangelização de 2016 a 2019 traçou um Projeto com iniciativas para atender melhor a esta realidade, nas Paróquias e também nas praias e pontos turísticos. Um encontro realizado no ano de 2019 serviu de referência para a organização da Pastoral do Turismo para evangelizar o vasto leque de pessoas que estão envolvidas com atividades turísticas, incluindo os turistas, os agentes de viagem, os serviços de hotelaria, os trabalhadores sazonais, os ambulantes. De acordo com a prática da CNBB, quatro linhas de ação são indicadas: O turismo religioso e cultural; o turismo de base comunitária; as lutas proféticas contra tudo que no turismo fere a dignidade humana; e a formação de agentes de pastoral. É preciso

realizar o mandato de Jesus e lançar a rede sobre esta realidade.

d) A rede da Igreja alcança os **idosos** através dos grupos da Terceira Idade presentes em algumas paróquias, e da Pastoral da Pessoa Idosa (PPI) que teve início há poucos anos na Diocese e está se afirmando aos poucos. Esta pastoral acompanha pessoas idosas mensalmente, através de visitas domiciliares, de maneira sistematizada, buscando promover a dignidade da pessoa idosa, de forma que tenha acesso aos seus direitos e seja valorizada. O número de idosos tem crescido na Diocese, mas é ainda muito pequeno o número de Paróquias que tem a Pastoral da Pessoa Idosa. Alguns idosos são assistidos também pela Pastoral da Saúde, seja em suas casas, como também nos hospitais.

e) O polo de atenção das **universidades** faz todo sentido devido ao grande número de estudantes, mas também de Instituições Universitárias no território da Diocese. A rede sobre esta realidade deve ser lançada como atuação específica sobre este setor, com o mesmo espírito e critérios já indicados na área prioritária da **juventude**. A Sociedade Visconde de São Leopoldo, mantenedora da Universidade Católica de Santos (Unisantos) e do Liceu Santista, é grande instrumento do serviço à educação na Baixada Santista, juntamente com outras escolas católicas de Congregações Religiosas, que caminham articuladas na ANEC (Associação Nacional de Educação Católica). Em todas elas há grande número de bolsistas pobres atendidos, procurando responder às necessidades de educação da população mais carente. Além disso, vemos crescer o compromisso com a realidade social através da extensão universitária. A Pastoral Universitária deve ser grande instrumento para lançar a rede sobre toda a realidade do mundo universitário. No campo da educação, em espírito de caminhada sinodal, procuramos responder à convocação do Papa

Francisco do Pacto pela Educação, e precisamos contar com o engajamento efetivo neste sentido de todas as Paróquias, com seus Conselhos e Pastorais da Educação.

Maria e a Igreja em saída

Grandes acontecimentos previstos na vivência espiritual do jubileu são as peregrinações à Igreja Catedral de Nossa Senhora do Rosário e também a peregrinação da imagem de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da Diocese, pelas paróquias.

Maria é a companheira constante da Igreja que peregrina nesta terra “no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus” (Santo Agostinho), para que seja para todos sacramento visível de Jesus, autor da salvação e princípio de unidade e de paz (Cf. LG, n. 9).

O peregrino é um caminhante, que busca e vai ao encontro de alguém que muito ama e no qual confia. A peregrinação é sempre um movimento simbólico de nosso caminhar neste mundo rumo ao céu, ao encontro de Deus e de nossos irmãos e irmãs que nos precederam na fé, entre os quais se destacam os santos. A Bíblia nos fala da peregrinação do povo de Israel pelo deserto, em busca da terra prometida.

A peregrinação do povo de Deus continua, agora seguindo os passos de Jesus, uma peregrinação no Espírito Santo que foi dado à Igreja como Defensor invisível (Cf. Jo 14,26; 15,26; 16,7). Como Igreja peregrina, somos discípulos que seguem o mestre.

Neste caminho não estamos sozinhos. Caminha conosco nossa mãe Maria, presente em todos os momentos da vida de Jesus nesta terra, presente no início da vida da Igreja, presente em todos os momentos da história como Mãe da Igreja e estrela da evangelização.

Assim o quis Jesus. No momento definitivo de sua morte na cruz, vendo sua mãe ao seu lado, juntamente com o discípulo João, ele disse à sua mãe: ‘Mulher, eis aí o teu filho’. Depois disse ao discípulo: ‘Eis aí a tua mãe’. E dessa hora em diante, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19, 26-27).

Os Atos dos Apóstolos testemunham que a mãe de Jesus continuou acompanhando seus filhos na Igreja (At 1,14). Eles a lembrarão sempre em todas as ocasiões importantes da vida, e também nas necessidades. Cada sinal de sua presença receberá um nome, como os que lhe damos nas Paróquias e nas comunidades eclesiais e religiosas em nossa Diocese:

- MARIA MISSIONÁRIA nos inspira e nos ajuda a ser uma Igreja em saída!
- MÃE DE DEUS, MÃE DA IGREJA, MÃE DOS HOMENS nos faz lembrar que foi escolhida para ocupar um lugar muito especial no mistério da salvação! Para realizar esta missão, foi agraciada por Deus, e lembramos sua IMACULADA CONCEIÇÃO, sua ASSUNÇÃO ao céu, NOSSA SENHORA DA GLÓRIA!
- Aquela que se faz presente à Igreja e que vem ao nosso encontro se manifesta em APARECIDA, GUADALUPE, FÁTIMA, LOURDES; é a SENHORA DO CARMO, DA LAPA, DE SION, DE NAZARÉ, DO MONTE SERRAT, DO CARMELO, DE LORETO, DA PENHA!
- Sua presença em cada momento da vida nos é lembrada particularmente pelos títulos de AUXILIADORA, IMACULADO CORAÇÃO, DAS GRAÇAS, DO AMPARO, DO PERPÉTUO SOCORRO, DA ESPERANÇA, DA CONSOLATA, DO BOM CONSELHO, DA BOA MORTE, DA SAÚDE, DOS PRAZERES, DAS DORES, DOS NAVEGANTES, DA PAZ.

- Nós meditamos os mistérios da fé e rezamos com ela, SENHORA DO ROSÁRIO, DO TERÇO, DA PIEDADE.
- Nós a proclamamos RAINHA DOS ANJOS, RAINHA DOS APÓSTOLOS, RAINHA DA PAZ, ROSA MÍSTICA, STELLA MARIS (Estrela do Mar).

Olhamos de modo especial para Maria neste tempo de renovação de vida e de consciência de discipulado. Olhamos para ela que nos inspira na resposta à nossa vocação de discípulos missionários. Olhamos para ela para realizarmos a missão continental e promovermos o encontro com Cristo, a iniciação à vida cristã, o serviço à vida plena para todos, seguindo a rota de peregrinação indicada em nosso Plano Diocesano de Evangelização.

Acompanhe-nos Maria em cada dia deste ano jubileu centenário de nossa Diocese de Santos!

Santos, 01 de julho de 2023

Dom Tarcísio Scaramussa, SDB

Bispo Diocesano de Santos



DIOCESE DE SANTOS



Decreto de Indulgência

Por ocasião do ano centenário de criação da Diocese de Santos, a ser vivenciado entre 1º de julho de 2023 a 06 de julho de 2024, tendo a Penitenciaria Apostólica comunicado a Bênção Apostólica do Papa Francisco com a Indulgência Plenária concedida por ocasião da celebração desse JUBILEU CENTENÁRIO, o Bispo de Santos

DECRETA

que os fiéis poderão receber a Bênção Apostólica e a indulgência plenária observadas as condições estabelecidas no Decreto do dia 14 de junho de 2023 da referida Penitenciaria Apostólica, a saber: participação nos sacramentos da Confissão e da Eucaristia, recitação da Profissão de Fé (Creio), oração pelo Papa; neste momento de graça, é recomendado fazer também preces pela fidelidade do Brasil à vocação cristã, pelas vocações sacerdotais e religiosas, pela defesa da instituição da família humana, rezar o Pai Nosso, invocar Nossa Senhora do Rosário, e realizar obras de caridade. Os fiéis receberão as indulgências:

1. Participando do Sacrifício Eucarístico na **Igreja Catedral de Nossa Senhora do Rosário**, ou, como peregrinos, visitando a referida Igreja, e realizando as práticas próprias para alcançar as Indulgências. Os fiéis que, por limitação de idade ou de doença, estiverem impedidos de participar presencialmente da Santa Missa, poderão alcançar a referida Indulgência acompanhando espiritualmente as celebrações, através dos recursos de transmissões televisivas, redes sociais ou rádio, e oferecendo suas preces e sofrimentos em oblação a Deus misericordioso;
2. Participando do Sacrifício Eucarístico em suas respectivas paróquias por ocasião da festa do aniversário da dedicação da Catedral, nos dias **05 de julho de 2023, 05 de julho de 2024, e no dia 07 de outubro de 2023**, festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da Diocese, como também **na festa dos respetivos padroeiros** dentro do ano centenário, e realizando as práticas próprias para alcançar as Indulgências;
3. Participando da celebração diocesana da Solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo, no dia **26 de novembro de 2023**, e realizando as práticas próprias para alcançar as Indulgências;
4. O mesmo benefício se aplica às irmãs do Carmelo São José e da Virgem Mãe de Deus, e aos fiéis que participarem na Capela do Carmelo por ocasião da festa do aniversário da dedicação da Catedral, nos dias **05 de julho de 2023 e 05 de julho de 2024; festa de Nossa Senhora do Rosário, no dia 07 de outubro de 2023; aniversário do Carmelo, no dia 15 de dezembro de 2023**, e realizarem as práticas próprias para alcançar as Indulgências.

Os padres atendam os fiéis em confissões nos momentos de peregrinação, e estejam disponíveis também em outros momentos para que possam realizar esta prática de conversão e de encontro com a misericórdia de Deus.

Dado e passado na Cúria Diocesana de Santos, em 27 de junho de 2023.

Prot. n.: 132
Livro: "D"
Fls.: 103



+ Tarcsio Scaramussa
Dom Tarcsio Scaramussa, SDB
Bispo Diocesano de Santos

Pe. Wagner de Souza Argolo
Pe. Wagner de Souza Argolo
Chanceler do Bispo

Sumário

Introdução.....	1
Diocese de Santos, 100 anos de história e missão..	3
Por uma Igreja Missionária e sinodal	7
Espiritualidade missionária do centenário: evangelizadores com espírito	13
“Lançai a Rede”! Os peixes a pescar!.....	17
Lançar a rede sobre as três grandes prioridades pastorais.....	19
Lançar a rede sobre cinco polos de atenção	22
Maria e a Igreja em saída	26
Decreto de Indulgência	29

